

Estimativa para a Safra 2015 de Café do Brasil



Fundação
Procafé

Fevereiro/2015



Conselho Nacional do Café

Apoio:



Comissão Nacional do Café





Conselho Nacional do Café

ESTIMATIVA PARA SAFRA 2015 DE CAFÉ Cooperação entre Conselho Nacional do Café (CNC) e Fundação Procafé

1- Justificativas e objetivos

As safras brasileiras de café, colhidas anualmente, combinadas com os estoques remanescentes de produções anteriores, definem o volume de café ofertado ao mercado, componente importante na evolução dos preços e, conseqüentemente, na sustentabilidade da cadeia produtiva.

Conhecer com maior precisão e confiabilidade os números da safra, com previsões e estimativas realizadas através de metodologias apropriadas, permite aos diversos segmentos do setor cafeeiro, desde a política governamental, passando pela produção, comércio e indústria até o próprio consumidor, programar ações no sentido de alcançar maiores retornos na atividade.

Os “trabalhos de estimativas” são realizados atualmente por diversos players, muitos com interesse no mercado e ainda deixam lacunas, não tendo confiabilidade. Nessas projeções, em certas regiões, ainda são empregadas informações subjetivas, obtidas junto aos agentes ligados ao setor cafeeiro, locais e regionais, ou, então, tomadas em viagens de observação eventuais.

A cafeicultura, tratando-se de cultura perene, pouco varia sua área cultivada a cada ano. A safra acontece em função da produtividade das lavouras, verificada nas propriedades cafeeiras, sendo influenciada pelas condições do clima, pelo ciclo produtivo e pelos tratamentos dispensados aos cafezais. Assim, conhecer de perto o que ocorre na propriedade cafeeira, em seus diversos talhões de lavouras, possibilita a análise do que pode influenciar diretamente na produtividade dessa localidade, sendo este o fator multiplicador mais importante na definição do volume da safra.

Deste modo, o presente trabalho reuniu esforços no sentido de evoluir mais na estimativa da safra cafeeira, através de uma pesquisa direta, objetiva, junto ao produtor e suas áreas cafeeiras.

No momento em que a cafeicultura, como de resto todo o setor agrícola, passa por dificuldades pela escassez de chuvas, o trabalho de estimativa da safra cafeeira dá ênfase especial aos efeitos do déficit hídrico sobre o crescimento e a frutificação das lavouras.

2- Metodologia utilizada

A maior dificuldade na estimativa das safras cafeeiras no Brasil tem sido a falta ou pouca confiabilidade sobre o parque cafeeiro, ou seja, do universo a ser estudado, através de amostragens estatísticas.

Não se dispõe, como se tinha antigamente, de um cadastro de produtores de café ou de imagens de fotografias aéreas, onde a área cafeeira total era mapeada. Apenas algumas poucas áreas possuem estudos baseados em fotos de satélite, sendo necessário bastante trabalho de campo para confirmar e retificar as áreas, especialmente nas regiões montanhosas e em pequenas propriedades. Por sua vez, cadastros como os do INCRA ou do censo do IBGE não são completos.

Assim, na impossibilidade de contar com recursos vultosos para fazer um levantamento completo do universo cafeeiro, optou-se por aproveitar os números



Conselho Nacional do Café

aproximados disponíveis e aplicar um sistema de levantamento para aferir a produtividade, ao nível de campo, obtendo as informações em uma amostra com o maior número de propriedades, visando a correlacionar a produção esperada para a safra de café em 2015 em relação às produtividades e produções anteriores.

Partindo da alternativa de avaliar as safras através do sistema de razão de produtividade, a metodologia usada foi a seguinte:

Em cada região foram sorteadas propriedades cafeeiras — em número conforme especificado em seguida — as quais estavam incluídas nos municípios representativos da cafeicultura regional, compreendendo as variadas condições ambientais (altitudes, chuvas, etc) e os diferentes tipos de produtores (pequenos, médios e grandes), conforme sua representatividade estimada.

O número aproximado de propriedades visitadas em cada região foi:

Minas Gerais: 2.000

- Sul e Oeste de Minas: 920 propriedades
- Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste: 460
- Zona da Mata: 540
- Jequitinhonha e Norte de Minas: 80

Espírito Santo: 400

- Arábica: 100
- Conilon: 300

Bahia: 100

- Arábica: 70
- Conilon: 30

São Paulo: 200

- Mogiana: 100
- Alta Paulista: 100

Paraná: dados obtidos através do Deral

Demais estados: dados obtidos de forma subjetiva

Total de propriedades levantadas: 2.700

Nas propriedades visitadas, foi aplicado um questionário (anexo1) contendo indagações sobre a área cafeeira total, a área com cafeeiros jovens, a área podada e as produções obtidas em 2013, 2014 e a previsão para 2015.

O levantamento foi feito em campo, da segunda quinzena de janeiro até a segunda quinzena de fevereiro de 2015. As propriedades foram visitadas por técnicos especializados em cafeicultura dos quadros da Fundação Procafé e de outras instituições ligadas a cooperativas e órgãos de assistência ao produtor, sempre com a coordenação da Procafé, os quais avaliaram *in loco* o estado vegetativo das plantas e a capacidade produtiva para a safra 2015.

Para a apuração dos dados, os questionários foram tabulados em planilha Excel e foram feitos os cálculos das médias e razões de produtividade, chegando-se aos resultados da safra estimada.



Conselho Nacional do Café

Considerou-se, ainda, em função da ocorrência de forte veranico nas regiões de café robusta do Espírito Santo e do extremo Sul da Bahia, uma quebra adicional sobre os dados levantados, conforme o índice de chochamento previsto nos frutos.

3- Resultados e conclusões

3.1- Condições observadas sobre o clima e o estado das lavouras nas regiões

Conforme citado anteriormente, os fatores que afetam a produtividade e, conseqüentemente, as safras anuais de café no Brasil, podem ser agrupados em três categorias, sendo **o ciclo produtivo das plantas** (condicionado pela cafeicultura a pleno sol, onde a carga alta em um ano estressa a planta, a qual cresce pouco e produz menos no ano seguinte), **os tratos dispensados** às lavouras e **as condições climáticas** prevalentes (chuva, temperatura, ventos).

A influência climática tem sido a mais prejudicial nos dois últimos anos agrícolas, pela ocorrência de déficits hídricos severos na maioria das regiões produtoras de café. Nas áreas de café arábica, o déficit de umidade foi observado nos ciclos 2013/14 e 2014/15 e nas áreas de café robusta/conilon no ciclo 2014/15, sempre coincidindo nos períodos mais críticos, na floração e na frutificação dos cafeeiros.

O déficit de umidade é resultado da menor precipitação pluviométrica, agravada pelas altas temperaturas, com isso ocorre pouco armazenamento de água no solo, disponível para os cafeeiros.

A falta de umidade prejudica o crescimento das plantas, o florescimento e o pegamento da florada, o tamanho e a granação dos frutos. Os efeitos do clima podem resultar em perdas produtivas nos cafezais neste ano e, ainda, no ano seguinte, haja vista que o crescimento de internódios está de dois a quatro números atrasado em relação à normalidade, o que reduz a área para o surgimento dos frutos a serem colhidos no próximo ano.

As condições climáticas e o estado das lavouras, nas regiões produtoras de café arábica e robusta, estão detalhados em seguida.

A) Regiões produtoras de café arábica

As lavouras cafeeiras produtoras de café arábica, em especial as das regiões Sul, Oeste e Triângulo de Minas Gerais, da Mogiana em São Paulo e, em menor escala, as da Zona da Mata de Minas e do Sul do Espírito Santo, entraram no ciclo agrícola 2014/15 depois de passar por um período de estresse hídrico, que começou em jan/fev de 2014, prejudicando a granação dos frutos e causando perdas na safra 2014. Esta falta de chuvas perdurou até outubro do ano passado, acumulando, nesse período, um déficit significativo, que chegou a mais de 250 mm em algumas áreas, conforme pode ser observado nas quatro figuras a seguir (fig. 1- 4).



Conselho Nacional do Café

Figura 1- Balanço hídrico em Varginha-MG, em 2014, frente ao balanço normal.

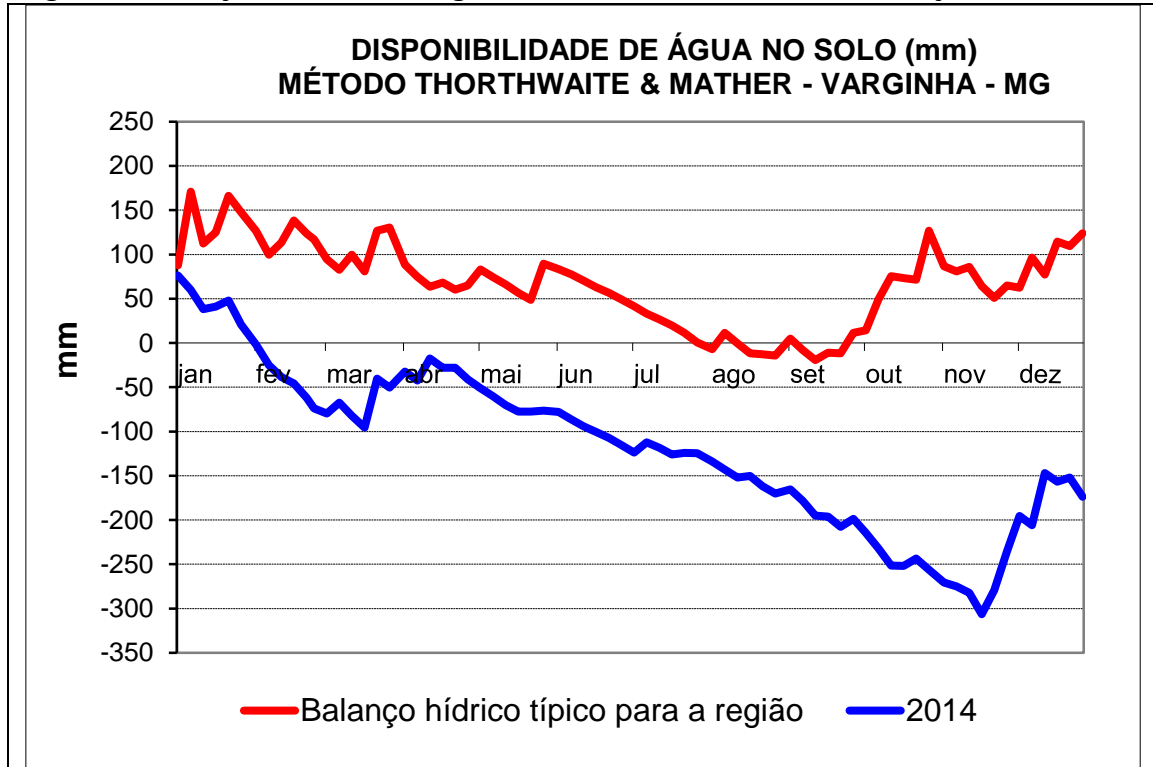
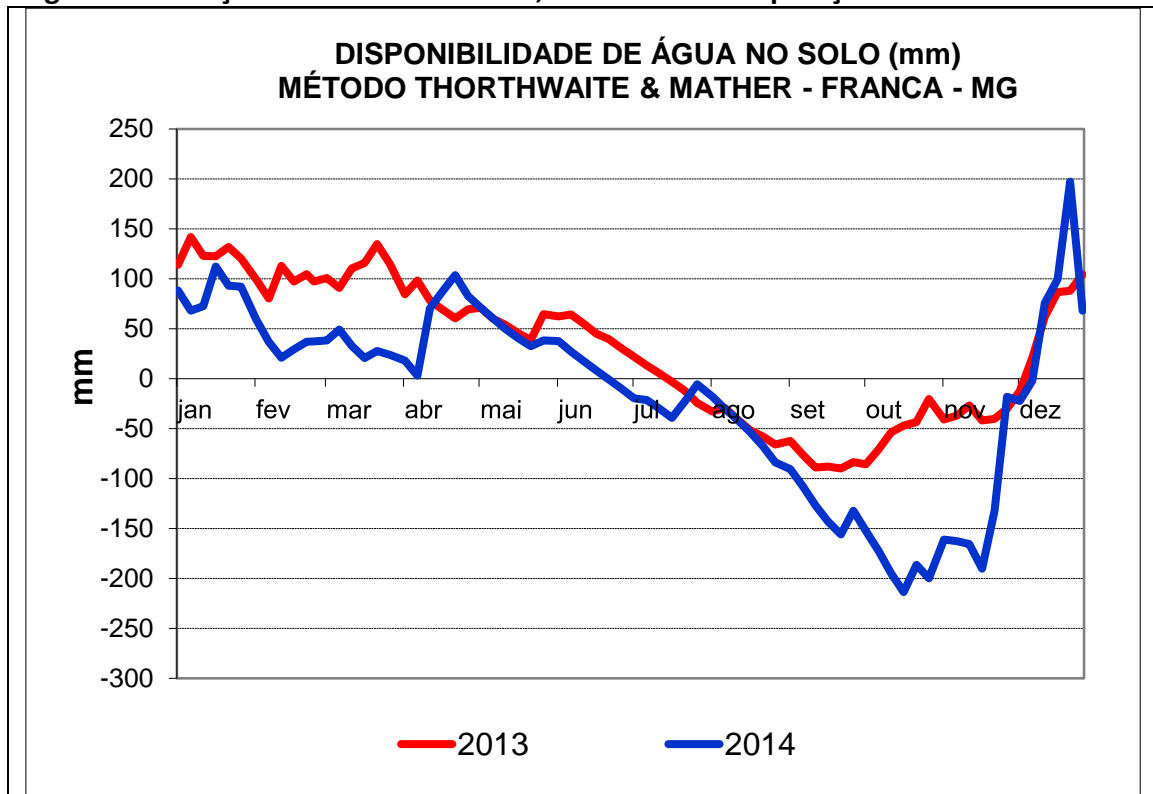


Figura 2- Balanço hídrico em Franca-SP, em 2014 na comparação com o ano de 2013.





Conselho Nacional do Café

Figura 3- Balanço hídrico em Patrocínio-MG, em 2014 ante o ano de 2013.

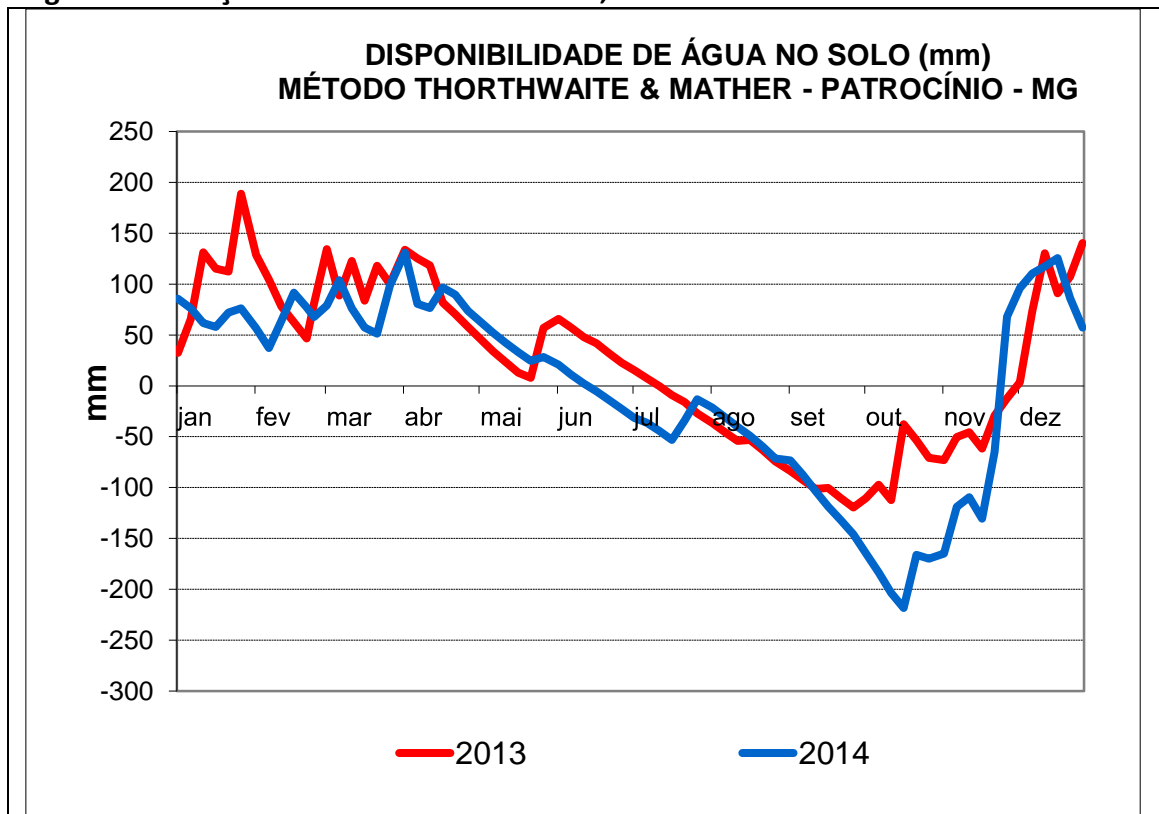
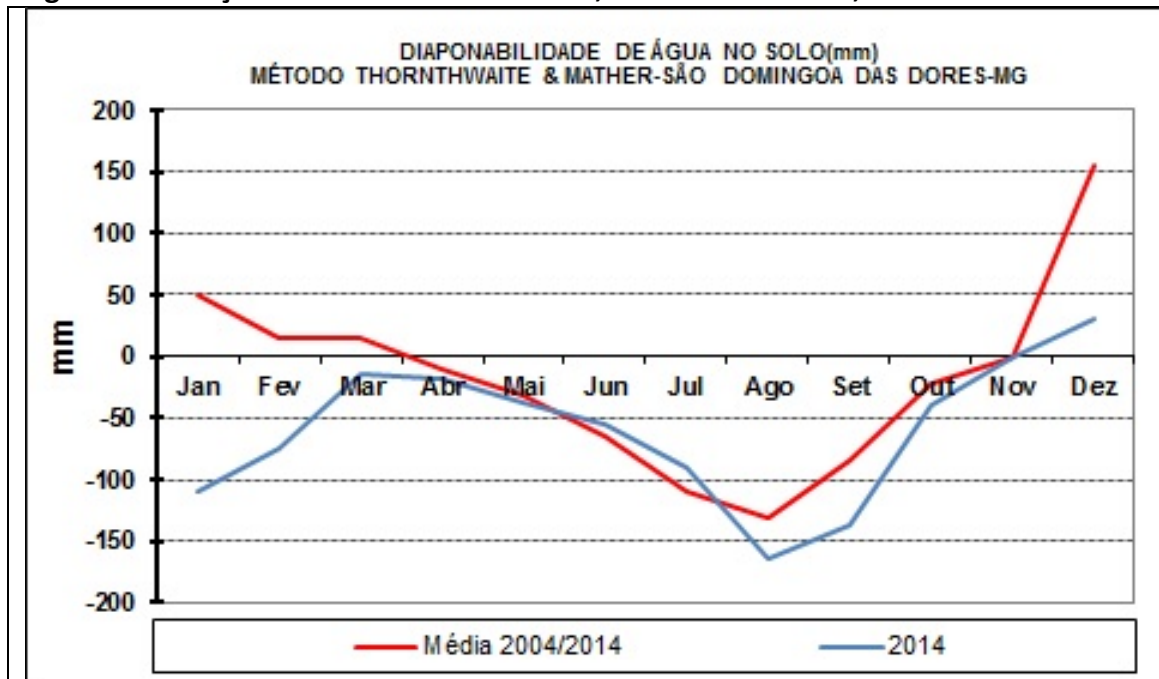


Figura 4- Balanço hídrico em S.D. das Dores, Zona da Mata-MG, em 2014 ante 2013.





Conselho Nacional do Café

Os dados climáticos do ano 2014, registrados nas principais regiões produtoras de café arábica, mostram falta de chuvas, altas temperaturas e estresse hídrico em dois períodos críticos:

- ✓ De jan/mar de 2014 – quando a água é importante na granação dos frutos, no crescimento dos ramos e na nutrição das plantas.
- ✓ De mai/out de 2014 – quando a umidade é necessária para o armazenamento de água no solo, na finalização do crescimento dos ramos produtivos, na turgescência, no enfolhamento e no abotoamento/floração dos cafeeiros.

A falta de chuvas no início de 2014 prejudicou as adubações e os tratos culturais. O déficit hídrico, que continuou, agravou o estresse dos cafeeiros, sendo determinante na formação da ramagem e na manutenção da folhagem, fatores importantes na “potencialização” da safra seguinte.

Deste modo, para a safra 2015, agora avaliada, os cafeeiros chegaram na pré-florada mal nutridos e estressados pela carga, com menor crescimento dos ramos (nós mais curtos), com queda pronunciada de folhas, com ramos secos, especialmente nas suas pontas, e com indução de gemas vegetativas no lugar das florais.

A floração dos cafeeiros veio um pouco atrasada e em várias etapas, no período de outubro a dezembro de 2014. Nas floradas iniciais, foram observados problemas de queima de flores e de flores anormais, prejudicando seu pegamento.



Botões secando antes de abrir (Franca-SP), out/14.



Onde a chuva foi pouca, botões não abriram e caíram (Formiga-MG), out/14.



Lavoura de quarta safra, toda murcha e desfolhada (Boa Esperança-MG), out/14.

Em novembro e dezembro de 2014, as chuvas foram suficientes para o reenfolhamento das plantas e para o desenvolvimento inicial dos frutos, embora com níveis de precipitação ainda inferiores à média histórica (tabelas 1, 2 e 3). A recuperação da frutificação e da produtividade, no entanto, só deve ocorrer para a safra 2016, desde que mantidas as condições normais de pluviosidade.

Tabela 1- Pluviosidade em três estações da Procafé, no Sul de Minas, no início do período agrícola 2014/15 (out/14 a fev/15). Comparação com os índices de chuva normais nesse período. Varginha-MG, 2015.

Períodos	Localidades					
	Varginha		Boa Esperança		Carmo de Minas	
	Normal	2014/15	Normal	2014/15	Normal	2014/15
Out /14	110,8	39,6	93,8	39,8	122,9	41,0
Nov/14	178,1	117,6	155,9	180,0	201,2	106,8
Dez/14	261,6	164,6	198,2	148,0	225,2	125,4
Jan/15	276,6	117,0	225,9	121,3	307,8	84,4
Fev/15	182,5	106,8	148,5	89,2	194,9	139,5
Total	1009,6	545,6	822,3	578,3	1053,0	497,1
Dif. (%)		- 46,0		- 29,6		- 52,8



Conselho Nacional do Café

Tabela 2- Pluviosidade em três estações da Procafé, no Triângulo e no Alto Paranaíba em Minas Gerais, no início do período agrícola 2014/15 (out/14 a fev/15). Comparação com os índices de chuva normais nesse período. Varginha-MG, 2015.

Períodos	Localidades					
	Patrocínio		Araguari		Araxá	
	Normal	2014/15	Normal	2014/15	Normal	2014/15
Out /14	144	80	145	21	154	132
Nov/14	197	334	253	328	208	286
Dez/14	276	149	344	310	293	152
Jan/15	273	76	274	151	296	46
Fev/15	209	234	228	343	187	292
Total	1099	873	1244	1153	1138	908
Dif. (%)	-20,5		-7,3		-20,2	

Tabela 3- Pluviosidade em quatro localidades representativas da cafeicultura da Zona da Mata de Minas, no início do período agrícola 2014/15 (out/14 a fev/15). Comparação com índices de chuva normais nesse período. S.D. das Dores-MG, 2015.

Locais	Precipitação (mm) 2014 - 15					
	2014			2015		Total
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	
São Dom. das Dores	80	154	201	0	220	655
Caratinga	126	143	135	4	230	638
Viçosa	37	210	179	87	180	693
Martins Soares	59	327	231	62	170	889
MÉDIA	75,5	208,6	186,6	38,3	200	716
NORMAL	95	227	324	203	120	969
Dif. (%)	-21	-8	-43	-82	+40	-26

As tabelas com dados de chuva, em localidades representativas das principais regiões de café arábica, mostram que, em janeiro de 2015, houve, novamente, um veranico, embora menos drástico que o de 2014. Porém, o acúmulo de pouca umidade no solo, neste início do ciclo agrícola, provocou menor crescimento da ramagem. Na média normal, dos ciclos agrícolas anteriores, nessa época, em Varginha, Sul de Minas, são registrados 5,3 nós por ramo e, neste ano, até janeiro, foi verificado um crescimento de apenas 4,0 nós, o que deve comprometer também a safra 2016.

Em fevereiro, as chuvas melhoraram, embora ainda em menor nível que o normal, assim não são esperados problemas graves de “chochamento” de frutos, como no ciclo agrícola 2013/14. No entanto, tem sido observado que a pouca chuva no início de 2015 provocou maior queda de chumbinhos e deve influir, ligeiramente, também sobre um menor tamanho dos frutos e dos grãos da safra a ser colhida neste ano. Ressalta-se, ainda, que, como as chuvas de janeiro foram irregulares, algumas áreas chegaram a apresentar escaldadura da folhagem dos cafeeiros e até má granação dos frutos, especialmente aqueles de variedades de maturação mais precoce (MN) e em lavouras mais novas.



Conselho Nacional do Café

Quanto às condições vegetativas e produtivas das lavouras, vieram, em sua maioria, estressadas da safra anterior (2014), seja pelo clima, pela carga alta ou, ainda, pela falta de adubação em jan/fev de 2014. As lavouras que produziram bem no ano passado praticamente não mostram capacidade produtiva para 2015. Em grande parte, inclusive, foram podadas por esqueletamento, o qual, em muitos casos, até com poda tardia ao se constatar que não iriam dar carga significativa em 2015. Talhões de lavouras que produziram carga média em 2014 e que poderiam repetir a carga em 2015 chegaram à floração muito desfolhados e agora apresentam carga baixa, com poucos frutos por roseta. Os talhões que agora estão com melhores produtividades são aqueles que pouco produziram em 2014 ou então aqueles que receberam poda em 2013 e tiveram safra zero no ano passado.



Cafeeiros que produziram bem na safra 2014, como os três da esquerda, praticamente não produzirão em 2015. Os que não produziram (três à direita) têm potencial para 2015 (Elói Mendes-MG), out /14.



Conselho Nacional do Café



Os mesmos cafeeiros da foto anterior, agora em fev/15. As plantas reenfolhadas, mas com pouquíssimos frutos, têm produtividade esperada de 5-6 scs/ha.

Nas visitas dos técnicos em campo, foi observado um comportamento diferenciado dos cafezais dentro das regiões, conforme a distribuição das chuvas – que foi irregular – e também da altitude das áreas, a qual condiciona as temperaturas.

No Sul e no Oeste de Minas, as regiões serranas, em altitudes mais elevadas, apresentam-se em melhores condições produtivas do que aquelas situadas na região da Bacia de Furnas, em altitudes na faixa de 700 m a 800 m, estas últimas representando importante polo cafeeiro sub-regional. No Triângulo e no Alto Paranaíba, as piores condições das lavouras são encontradas nas regiões de Monte Carmelo e Araguari, com Patrocínio possuindo lavouras em níveis regulares e a zona de Carmo do Parnaíba e São Gotardo com lavouras melhores.

Na Zona da Mata, as lavouras de café estão com o ciclo de safra invertido em relação à maioria das demais regiões, uma vez que, em 2014, a safra foi muito baixa (62% menor em relação à de 2013). Nesta região, tanto o veranico e a persistência do tempo seco em 2014, quanto o veranico – menor – em 2015 prejudicaram mais as áreas de baixa altitude, na faixa de 550 m a 750 m. Já as áreas mais altas, na vertente do Caparaó, foram até beneficiadas pelo tempo seco devido à redução de problemas de doenças, que atacam a floração e os chumbinhos, as quais seriam favorecidas pela umidade. Houve, ainda, a entrada em produção inicial de grande área que havia sido recepada em 2013.

A região que engloba a Zona do Jequitinhonha e o Norte de Minas, com certeza foi a que teve as lavouras cafeeiras mais prejudicadas para 2015, pois, sob condições de clima seco, sofreram forte estresse pela safra de 2014 e saíram da colheita, em sua maioria, com muita desfolha, seca de ramos e baixo potencial de frutificação.



Conselho Nacional do Café



Lavoura de café no pós-colheita, em set/14, por efeito da seca combinada com a alta carga em 2014, em Capelinha, no Jequitinhonha-MG.



Na quase ausência de safra em lavouras estressadas, em Angelândia-MG (set/14), restou o esqueletamento, cuja adoção cresceu bastante após 2014.

Nas duas principais regiões cafeeiras do Estado de São Paulo, a Mogiana e a Alta Paulista, as lavouras de café vêm se recuperando do estresse hídrico após a normalização das chuvas, a partir de fevereiro de 2015. No entanto, as condições climáticas desfavoráveis, com o estresse hídrico continuado em 2014 somado ao estresse pela carga, resultaram em menor capacidade produtiva para a safra 2015.



Conselho Nacional do Café

Na Mogiana, à semelhança do Sul de Minas, mesmo porque as duas regiões fazem divisa, o início do ciclo 2014/15 mostrou os cafeeiros com grande seca de ramos e desfolha acentuada, por isso estima-se que cerca de 30% das lavouras tenham sido esqueletadas. A florada veio reduzida, houve abortamento de flores e queda de chumbinhos e, ainda, em lavouras novas, houve até “chochamento” significativo dos frutos devido ao veranico de janeiro deste ano.

A COCAPEC (Cooperativa de Cafeicultores e Agropecuaristas), cuja sede fica em Franca-SP, recebeu cerca de 1,5 milhão de sacas de café em seus armazéns no ano de 2014. Para 2015, a estimativa é de apenas 700 mil sacas.

Na região da Alta Paulista, tendo polo em Garça e Marília, apenas alguns poucos projetos empresariais, de lavouras irrigadas, estão apresentando boa capacidade produtiva. As pequenas e médias propriedades cafeeiras estão com lavouras envelhecidas e pouco produtivas, sendo que, nessa região, existe o agravante do ataque de nematóides (*incognita* e *paranaensis*) nas raízes das lavouras.

Na região de arábica do Espírito Santo, mais concentrada nas áreas de montanhas do Sul do Estado, o comportamento das lavouras está muito semelhante ao verificado na Zona da Mata de Minas. As áreas mais baixas, de Afonso Cláudio, Domingos Martins, Santa Teresa, Santa Maria do Jetibá e Santa Leopoldina, em altitudes de 500 m a 700 m, tiveram suas lavouras de café muito prejudicadas, inclusive com previsão de “chochamento” em percentual significativo dos frutos, na safra 2015.

Na Bahia, verifica-se um grande diferencial nas duas regiões produtoras de café arábica. A cafeicultura do Planalto, situada na Chapada Diamantina e no Planalto de Conquista, tem passado por problemas climáticos crônicos devido à carência e à má distribuição das chuvas. Nesta área, o período normal de chuvas começa em março e vai até julho/agosto, com precipitações no inverno, quando o ideal seria um período normal de chuvas de verão. Assim, crescimento e floração das plantas ficam na dependência da ocorrência de chuvas de trovoadas, de outubro a janeiro. Deste modo, nos últimos anos, a cafeicultura vem sofrendo, sendo que 2014 foi um ano bom e, na presente safra, em função da carga alta passada, as lavouras se apresentam com pequeno potencial produtivo.

Na região do Oeste baiano, a cafeicultura é toda irrigada e em projetos empresarias, com alta tecnologia. Assim, a produtividade das lavouras tem sido elevada e a safra mais ou menos constante em todos os anos.

No Paraná, a lavoura cafeeira vem sendo reduzida gradualmente, em vistas das boas opções do cultivo de grãos, ficando o café mais restrito às pequenas propriedades. Na última safra, a colheita foi pequena devido aos efeitos da geada de 2013 e, agora, para 2015, houve a recuperação natural da ramagem, voltando à produtividade normal, sem problemas climáticos nesta safra.

B) Regiões produtoras de café robusta/conilon

Em 2014, a maior região de café conilon, no Estado do Espírito Santo e no vizinho Sul da Bahia, não apresentou problemas de falta de chuva, diferentemente do que ocorreu na região de café arábica do País. Deste modo, houve uma safra normal



Conselho Nacional do Café

no ano passado, estimada em cerca de 13 milhões de sacas de robusta, das quais cerca de 10 milhões foram oriundas do ES.

No ciclo 2014/15, no entanto, as condições climáticas, nas principais regiões de conilon, estão ocorrendo de modo adverso. Os problemas se iniciaram pelas temperaturas baixas e pelos ventos frios do sul, que ocorreram em agosto e setembro, provocando queda de folhas e de flores dos cafeeiros. Em novembro e dezembro, choveu pouco e houve efeito sobre o tamanho dos frutos, sendo que, em visitas a campo, os técnicos estimaram que estes dois fatores tenham levado a perdas da ordem de 10%.

O problema mais grave, porém, aconteceu de meados de dezembro a fevereiro de 2015, com 50 dias sem chuvas e sob condições de alta insolação e elevadas temperaturas. Mesmo com cerca de 50% das lavouras irrigadas, muitos produtores não tiveram água para realizar a irrigação, pois represas e córregos pequenos secaram. Também as irrigações localizadas, como aquelas por gotejamento, não deram conta do suprimento de água devido à forte insolação e às altas temperaturas, que resultaram em transpiração muito elevada. Não se deve esquecer que as plantações de conilon, no Espírito Santo e no Extremo Sul da Bahia, estão localizadas em baixas altitudes, na faixa de 30 m a 150 m, chegando, no máximo, a 400 m de altitude.

Assim, verificou-se murchamento, estresse, muita queima de folhas e frutos (os mais expostos) e a formação de frutos chochos e mal granados, indicando que haverá necessidade de um maior volume de grãos para render uma saca de café beneficiado. Houve, ainda, aceleração da maturação (forçada pela seca) em clones de maturação precoce e nas lavouras sem irrigação, no entanto, verifica-se que boa parte destes frutos amarelados e em início de maturação estão chochos.



Ramo de conilon com frutos amarelados e queimados pelo sol, em especial na parte superior, que ficam chochos (Colatina-ES), fev/15.



Conselho Nacional do Café

Os técnicos estimaram, inicialmente, que este efeito da estiagem deve reduzir a safra em cerca de 15% a 20% em função do menor tamanho dos frutos e do mais baixo rendimento esperado no beneficiamento dos frutos, o que será melhor avaliado mais adiante, com a colheita e o preparo do café. A ação danosa do forte veranico prevalece sobre as plantas e seus frutos, mesmo tendo havido uma retomada, embora em níveis inadequados, das chuvas em fevereiro. Existe, ainda, pouca água para a irrigação, pois vem sendo dada prioridade para o gado e para o consumo dos seres humanos.



Murchamento, queima de ramos e chochamento de frutos no conillon, em função do veranico de dez/14 a fev/15 (São Gabriel da Palha-ES), fev 2015.



Seca de ramos, redução do crescimento e danos na frutificação em cafeeiros conillon. (São Gabriel da Palha-ES), fev 2015.



Conselho Nacional do Café

Os maiores prejuízos foram observados em lavouras mais novas, de origem clonal, pelo seu sistema radicular mais superficial e o chochamento é maior nos clones de maturação tardia, pois os frutos, no veranico, encontravam-se ainda em estado aquoso.

A escaldadura e a queima da folhagem e de ramos, assim como a forte deficiência de nitrogênio, pela impossibilidade de adubação, resultaram em baixo crescimento e em pequenas reservas vegetativas para o próximo ano, devendo, assim, prejudicar também a safra 2016.



Acima, mesmo com irrigação, localizada, as plantas apresentam frutos amarelados, chochos, pois a água não foi suficiente diante da alta taxa de transpiração.

Ao lado, a falta de água impediu a continuidade da irrigação por aspersão e, como consequência, as plantas novas tiveram ramos e folhas queimadas e grande chochamento. Fev/15, Norte do ES



Na tomada de água para irrigação, pôde-se ver o alongamento do cano para aproveitar o volume morto da represa, mesmo assim sem a possibilidade de uso da água restante, em nível muito baixo (São Gabriel da Palha-ES), fev-15.



Clones de maturação precoce, com maturação forçada pela seca. Previsão de baixo rendimento pelo chochamento e pela má granação (Norte do ES), fev/15.



Conselho Nacional do Café

A cafeicultura de Rondônia vem passando, nos últimos anos, por uma série de dificuldades, como resultado de aspectos técnicos, econômicos e sociais. Dessa forma, as áreas cafeeiras vêm diminuindo, sendo registrada apenas uma leve recuperação nos últimos dois anos.

No aspecto técnico, as lavouras, instaladas sobre terras originalmente de mata derrubada, com o passar dos anos, tiveram seu solo desgastado, sem a recomposição da fertilidade, através de corretivos e fertilizantes, os quais chegam com altos preços na região.

Os cafezais robusta, em quase sua totalidade, foram formados por sementes de variedades pouco produtivas, muitas de um robusta de folhas grandes, distribuído na região e muito suscetível à seca. Tecnologias de condução de hastes, controle de pragas e doenças e de cuidados no preparo pós-colheita têm sido pouco utilizadas pelos cafeicultores.

A situação econômico-social da lavoura cafeeira é dificultada pelos preços mais baixos recebidos pelo produtor e, ainda, pela escassez de mão de obra. O frete do café, para uso pelas indústrias do centro sul do país, onera os custos em cerca de R\$ 15 a R\$ 20 por saca, tanto que o Governo Estadual vem procurando executar programas para estimular a retomada da cafeicultura no Estado, por meio de variedades melhores e mais produtivas.



Lavoura de robusta em Cacoal-RO, formada por mudas de sementes com variedade de folhas largas, menos produtiva e resistente - fev/15.



Em Rondônia, no geral, as lavouras não recebem nutrição adequada, ficando amareladas. A qualidade do café, ao lado, com grande número de defeitos, é prejudicada pela colheita de muitos grãos verdes e pela secagem deficiente (Cacoal-RO), fev/15.



3.2- Resultados da produção prevista para a safra 2015

Os resultados obtidos no levantamento, nas diferentes regiões cafeeiras e das duas espécies de café, arábica e conilon, estão dispostos na tabela 4 (página seguinte).



Conselho Nacional do Café

Tabela 4 - Estimativa da produção brasileira de café na safra 2015. Participação das diversas regiões e dos tipos arábica e robusta em fevereiro de 2015.

Comparativo entre safras de café do Brasil - mil sacas de 60 kg					
UF e Regiões produtoras	Safra 2015		Safra 2014	Dif. 2015/2014	
	*Inf.	*Sup.	**Conab	% Inf.	% Sup.
MINAS GERAIS	21.500	22.950	22.644	-5,05	1,35
- Sul e Oeste	9.800	10.500	10.804	-9,29	-2,81
- Triângulo e Alto Paranaíba	4.700	4.900	5.765	-18,47	-15,00
- Zona da Mata	6.500	7.000	5.305	22,53	31,95
- Jequitinhonha e Norte	500	550	770	-35,06	-28,57
ESPÍRITO SANTO	10.000	10.800	12.806	-21,91	-15,66
- Arábica	2.500	2.800	2.857	-12,50	-2,00
- Robusta/Conilon	7.500	8.000	9.949	-24,62	-19,59
SÃO PAULO	3.700	3.900	4.589	-19,37	-15,01
BAHIA	1.900	2.100	2.371	-19,87	-11,43
- Cerrado	400	450	435	-8,05	3,45
- Planalto	600	650	896	-33,04	-27,46
- Atlântico	900	1.000	1.040	-13,46	-3,85
PARANÁ	1.000	1.100	559	78,89	96,78
RONDÔNIA	1.400	1.500	1.477	-5,21	1,56
OUTROS	800	900	896	-10,71	0,45
Discriminação por espécies					
- Café Arábica	30.000	32.150	32.306	-7,14	-0,48
- Café Robusta	10.300	11.100	13.036	-20,99	-14,85
TOTAL BRASIL	40.300	43.250	45.342	-11,12	-4,61
<i>*Estimativa Fundação Procafé; **Dados oficiais Conab</i>					
Fonte: CNC / Fundação Procafé					

Verifica-se que a safra 2015 de café do Brasil está prevista entre 40,300 milhões e 43,250 milhões de sacas de 60 kg, implicando quebra de 4,61% a 11,12% na comparação com as 45,342 milhões de sacas colhidas em 2014, de acordo com estimativa oficial final da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Do total estimado, entre 30 milhões e 32,150 milhões de sacas se referem à variedade arábica, o que representa recuo de 0,48% a 7,14% na comparação com as 32,306 milhões de sacas de 2014. A produção brasileira de café conilon (robusta) foi prevista entre 10,3 milhões e 11,1 milhões de sacas, intervalo que implicará queda de 14,85% a 20,99% em relação às 13,036 milhões de sacas cultivadas no ano passado.

Nos diferentes estados produtores e em suas regiões, observa-se que em **Minas Gerais** a produção esperada em 2015 deve ficar praticamente semelhante à de 2014, com aumento previsto na Zona da Mata, estabilidade no Sul de Minas e reduções no Triângulo e no Jequitinhonha.

O Sul/Oeste de Minas, onde se espera cerca de 10 milhões de sacas, foi prejudicado pelo estresse hídrico verificado desde o início de 2014. Com seu parque cafeeiro de cerca de 650 mil hectares, sendo a maior região cafeeira do país, seu potencial normal seria para safras na faixa de 12 milhões a 14 milhões por ano.



Conselho Nacional do Café

O Triângulo, um pouco pela estiagem e um pouco pela safra alta em 2014, apresenta agora uma redução de 15% a 18,5%, não sendo maior devido ao manejo de podas de esqueletamento e em razão de algumas sub-regiões estarem com seu ciclo produtivo desencontrado.

A Zona da Mata vem de uma safra muito baixa em 2014 (5,3 milhões), após uma produção de 8,1 milhões de sacas em 2013. Devido aos problemas já citados anteriormente (seca, nutrição e podas), a recuperação prevista para 2015 ocorreu apenas em nível intermediário, com aumento de até 31%.

Já o Jequitinhonha/Norte de Minas apresentou perda significativa, de 28,57% a 35,06% em relação à colheita antecedente, só não sendo maior em função dos grandes projetos irrigados no Norte de Minas Gerais.

No estado do **Espírito Santo**, a safra total prevista está na faixa de 10 milhões a 10,8 milhões de sacas, das quais entre 2,5 milhões e 2,8 milhões são de arábica e entre 7,5 milhões e 8,0 milhões de conilon. A produção de arábica capixaba era para ser maior em 2015, mas o problema climático acabou reduzindo a expectativa, prevendo-se números apenas ligeiramente inferiores aos da safra passada. Quanto ao conillon, este foi prejudicado por fatores climáticos (ventos e veranico) e sua produção esperada será entre 19,59% e 24,62% inferior à da safra passada. Nesta área de robusta, no ES e no Sul da BA, deve-se aguardar, para uma avaliação melhor, em função do rendimento no beneficiamento do café, já que a renda vai depender da extensão do “chochamento” e da má granação dos frutos, aspectos difíceis de serem avaliados neste momento.

No estado de **São Paulo**, a safra 2015 já seria, naturalmente, de baixa dentro do ciclo bienal. A redução da produtividade foi bastante significativa na região da Alta Mogiana (Franca) e, no global do Estado, é esperada uma safra 2015 de 3,7 milhões a 3,9 milhões de sacas, com decréscimo de 15% a 19,37% em relação à produção de 2014.

No estado da **Bahia**, está prevista uma produção, em 2015, de 1,9 milhão a 2,1 milhões de sacas, das quais cerca de 900 mil a 1,0 milhão são de café robusta. Na área de arábica, a redução foi significativa (-28%) apenas na região de planalto, já que as perdas pelo veranico, nas localidades de conilon do Extremo Sul, vêm sendo compensadas pela expansão da área cultivada e pelo alto nível tecnológico da maioria das lavouras. No Oeste Baiano, o uso de irrigação em todas as áreas tem levado a altas produtividades e estabilidade na produção bienal.

No Estado do **Paraná**, com a recuperação das lavouras, no segundo ciclo agrícola após a geada de 2013, as lavouras praticamente voltaram ao seu potencial atual normal, ficando um pouco abaixo devido à redução na área cafeeira. Os dados obtidos junto ao DERAL – Departamento de Economia Rural, da Secretaria de Agricultura do Estado, apontam uma previsão de colheita entre 1,0 milhão e 1,1 milhão de sacas em 2015, com aumento que pode chegar a praticamente 100% frente ao ciclo 2014.

Em **Rondônia**, a safra de conilon foi estimada com base em informações obtidas junto a fontes do mercado, visitadas em Cacoal, polo cafeeiro mais importante do Estado. A previsão é que sejam colhidas de 1,4 milhão a 1,5 milhão de sacas, nível de semelhante a um pouco inferior ao da safra anterior.



Conselho Nacional do Café

Nos **demais estados** cafeeiros, englobando Goiás, Rio de Janeiro, Pará, Mato Grosso, Acre e pequenas produções em Pernambuco e Ceará, nossa informação foi baseada em dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, com uma pesquisa mais apurada apenas em solos goiano e fluminense. No total, chegou-se a uma previsão de produção de 800 mil a 900 mil sacas.

É oportuno destacar, embora seja do conhecimento da maioria dos profissionais ligados ao setor cafeeiro, que a retomada das chuvas na segunda quinzena de fevereiro de 2015 — não beneficiando as regiões produtoras de café de forma homogênea — não garantem a reversão da tendência de perdas de safra aqui estimadas, pois, especialmente para as áreas de café arábica, os fatores mais influentes na produtividade e na produção deste ano foram os vigentes desde o início de 2014. Ao contrário, fica o alerta que podem até haver perdas adicionais, pois as últimas floradas ainda resultam frutos não granados e a sequência das chuvas se faz necessária.

Conclusões – Os dados levantados e as observações de campo permitem concluir que:

- a) A safra 2015 deve ocorrer com níveis produtivos menores do que a produção de 2014, em função do efeito do estresse hídrico em dois anos seguidos. Esta tendência observada é a mesma identificada na previsão da Conab (anexo2).
- b) Nas áreas de café arábica, o sistema de avaliação da produção por razão de produtividade se mostrou mais eficiente devido aos menores diferenciais entre lavouras. Já nas áreas de robusta, o grande diferencial entre cafezais indica que se deve fazer, no futuro, um diagnóstico mais completo sobre as áreas plantadas, sistemas de condução, uso de irrigação, etc. para dar maior segurança aos resultados.



Conselho Nacional do Café

Anexo 1- Questionário padrão utilizado pelos técnicos em visita de campo.



LEVANTAMENTO DE SAFRA CAFEIEIRA 2015

Parceria: CNC – Conselho Nacional do Café e Fundação Procafé

QUESTIONÁRIO DE CAMPO

PRODUTOR: _____

ENDEREÇO RESIDENCIAL: _____

TELEFONE: _____

NOME FAZENDA: _____ COMO CHEGAR _____

MUNICÍPIO: _____ ESTADO: _____

DADOS DAS LAVOURAS DA PROPRIEDADE:

Área Total com Café (ha)	Área com Café Novo - Até 2 Anos (ha)	Café Podado em 2014 (ha)	Produção Obtida (Sacas de 60 kg)		Produção Esperada para 2015 (Sacas de 60 kg)
			2013	2014	

DATA: ____/____/2015

NOME DO TÉCNICO: _____

Assinatura do Técnico

Alameda do Café, 1000 – Vila Verônica – CEP 37026-483 – Varginha – MG
Tel.: (35) 3214-1411 – E-mail: contato@fundacaoprocafe.com.br – www.fundacaoprocafe.com.br



Conselho Nacional do Café

Anexo 2- Comparativo: produção brasileira de café da CONAB (2013-15) e do Procafé em 2015. Participação das variadas regiões e dos tipos arábica e robusta-conillon.

Valores aproximados – em mil sacas de café beneficiado – Fev/2015

UF e Regiões Produtoras	CONAB			PROCAFÉ
	2013	2014	2015	2015
MINAS GERAIS				
- Sul e Oeste	13.400	10.800	10.100 - 10.700	9.800 - 10.500
- Triângulo e Alto Paranaíba	5.200	5.700	4.800 - 5.100	4.700 - 4.900
- Zona da Mata	8.100	5.100	6.700 - 7.000	6.500 - 7.000
- Jequitinhonha e Norte	680	660	630 - 650	500 - 550
TOTAL MG	27.380	22.260	22.230-23.450	21.500 - 22.950
ESPIRITO SANTO				
- Arábica	3.500	2.900	2.900 - 3.100	2.500 - 2.800
- Robusta-conillon	8.200	9.900	8.500 - 9.000	7.500 - 8.000
TOTAL ES	11.700	12.800	11.400-12.100	10.000 - 10.800
SÃO PAULO	4.000	4.600	4.100 - 4.500	3.700 - 3.900
BAHIA				
- Planalto	680	800	960 - 1.020	600 - 650
- Atlântico	720	1.040	980 - 1.012	900 - 1.000
- Cerrado	400	430	420 - 460	400 - 450
TOTAL BA	1.800	2.270	2.360 - 2.482	1.900 - 2.100
PARANÁ	1.650	550	1.000 - 1.100	1.000 - 1.100
RONDONIA	1.350	1.500	1.500 - 1.800	1.400- 1.500
OUTROS				800 - 900
TOTAL BRASIL	49.150	45.300	44.100-46.600	40.300 - 43.250
Discriminação por espécies				
- Café Arábica	38.480	32.460	32.720 - 34.388	30.000 - 32.150
- Café Robusta/Conilon	10.680	12.840	11.380 - 12.212	10.300 - 11.100



Conselho Nacional do Café

Anexo 3 – Exemplo de tabulação, feita em Excel, para cálculo da razão de produtividade, na comparação com a safra 2014, e com a média das duas anteriores (2013-14). Exemplo em uma sub-região da Zona da Mata-MG.

N°	Produtor	Município da Fazenda	Área Total com Café (ha)	Área com Café Novo - Até 2 Anos (ha)	Café Podado em 2014 (ha)	Produção Obtida (Sacas de 60 kg)		Produção Esperada (Sacas de 60 kg)	Pesquisador Fundação Procafé	Produtividade nas Safras 2013-14 /ha		
						2013	2014			2015	2013	2014
1402			70,00	15,00	5,0	3.000	1.250	1.500		42,9	17,9	21,4
1403			35,00	8,00	2,0	1.580	732	1.100		45,1	20,9	31,4
1404			20,00	0,00	2,0	600	400	500		30,0	20,0	25,0
1405			30,00	3,00	5,0	1.880	850	1.200		62,7	28,3	40,0
1406			25,00	3,00	1,0	800	330	600		32,0	13,2	24,0
1407			80,00	1,00	0,0	2.500	1.300	2.000		31,3	16,3	25,0
1408			20,00	0,00	2,0	1.090	400	700		54,5	20,0	35,0
1409			20,00	0,00	0,0	500	250	300		25,0	12,5	15,0
1410			40,00	4,00	3,0	1.300	800	1.000		32,5	20,0	25,0
1411			70,00	0,00	10,0	2.000	700	800		28,6	10,0	11,4
1412			40,00	0,00	10,0	1.300	600	800		32,5	15,0	20,0
1413			40,00	0,00	0,0	2.030	600	1.300		50,8	15,0	32,5
1414			40,00	5,00	5,0	1.400	830	1.200		35,0	20,8	30,0
1415			25,00	0,00	0,0	800	400	600		32,0	16,0	24,0
1416			30,00	2,00	3,0	1.055	540	750		35,2	18,0	25,0
1417			15,00	0,00	2,0	400	180	300		26,7	12,0	20,0
1418			35,00	0,00	1,0	1.480	475	880		42,3	13,6	25,1
1419			60,00	5,00	0,0	1.800	600	700		30,0	10,0	11,7
1420			30,00	0,00	0,0	1.530	700	1.200		51,0	23,3	40,0
1421			30,00	0,00	0,0	1.030	480	600		34,3	16,0	20,0
MEDIA										37,7	16,9	25,1
										Media 2013-2014	Media 2015/ media 2013-2014	
										27,3	0,91	